

A MANUTENÇÃO DOS CORPOS COMO UM PRINCÍPIO PÓS-HUMANO – UM ESTUDO ACERCA DA DISTOPIA MODERNA *DEUSES DE PEDRA* DE JEANNETE WINTERSON

LUANA DE CARVALHO KRÜGER¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – luana-kruger@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ciência e religião há muito discutem as diferenças entre corpo e mente/alma, procurando compreender suas diferenças e dando maior prioridade ao que é menos mundano, menos palpável e mais transcendental como uma forma de justificativa para o aquilo que eleva o ser humano e o diferencia dos outros animais e formas de vida. A mente/alma, no entanto, ainda parecem algo que está inatingível, é obscuro e incerto, pois não há confirmações sobre a veracidade da alma, ao passo que a mente também carrega seus mistérios e abstrações. Ao contrário, o corpo passa a ganhar cada vez mais recursos e melhorias com os avanços tecnológicos, de modo que, ao assumirmos a imperfeição dos corpos, também assumimos o domínio de recriar, manter e adaptar tais falhas, que permitem não só um maior desempenho dos seres humanos, como também nos levam a um *status* de criadores e mantenedores da criação.

A imperfeição do corpo biológico faz com que constantemente sejam pensados em recursos tecnológicos que melhorem o desempenho social dos indivíduos, procurando além de corrigir, manter o tempo de existência dele, de modo saudável. Ainda que os recursos do tempo-presente ainda sejam pequenos, comparados aos que existirão, as distopias nos permitem observar o tempo-futuro e como o corpo poderá ser adaptado. E a pergunta que começamos a fazer é: “onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa?: onde termina a máquina e onde começa o humano?” (TADEU, 2009, p. 10). Da mesma forma, a medida em que as correções das imperfeições do corpo são baseadas em avanços tecnológicos que nos hibridizam com máquinas, também o tempo começa a ser questionado, e aquilo que nos une como seres humanos, a ideia de finitude, é desestabilizada pelos estudos transumanistas e pós-humanistas, pois começamos a pensar em imortalidade. É o que encontramos em *Deuses de Pedra* (2012) de Jeannete Winterson, onde além da manutenção dos corpos dos humanos constantemente renovada a partir das adaptações genéticas, também temos a máquina com traços de humano, a robô sapiens, e a promessa de um futuro mais consciente com as demandas do planeta.

Nesse trabalho, discutiremos a manutenção dos corpos humanos como uma forma de boicote do tempo no romance *Deuses de Pedra* (2012), procurando compreender tanto a valorização do corpo humano como do corpo máquina como uma forma de colocá-lo como um princípio para a pós-humanidade na obra.

2. METODOLOGIA

A partir de teóricos que discutem o transumanismo e o pós-humanismo procuramos compreender a importância do corpo para os avanços e renovação

de perspectivas transumanas e pós-humanas, e a partir destas teorias analisamos o romance *Deuses de Pedra* (2012) procurando compreender como o corpo e o tempo são discutidos na narrativa. Para isso, realizamos uma análise da obra a partir dos estudos que estamos desenvolvendo sobre o tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos acerca do transumanismo e pós-humanismo preveem a superação do próprio humano, pensamos que uma das maiores superações que poderíamos realizar seria chegar a vida eterna.

Verdade, nenhum método recomendado pela ciência - ou pela magia, a afirmação ou a oração - nesse sentido - conseguiu até agora estender a vida humana além do limite naturalmente evoluído de cerca de 120 anos. Mas o que mudou ultimamente é que os geneticistas prolongaram a vida útil de pelo menos algumas criaturas vivas, como os nematódeos, permitindo viver até sete vezes mais do que seus parentes não modificados. Esta não é ainda a abolição da morte - mas parece muito com o primeiro passo em direção a esse objetivo. (BRODERICK, 2013, p. 434 – minha tradução)¹

Se por um lado podemos dizer que falta bastante para a imortalidade humana, podemos também pensar que já há estudos sobre tal tópico, de modo que se já estamos pensando sobre e procurando espaços para que isso torne-se mais próximo da realidade. Assim *Deuses de Pedra* (2012) apresenta uma sociedade que vive no planeta Orbus que está em vias de extinção, ocasionado pelo uso excessivo de recursos naturais do planeta. Nessa sociedade há os habitantes de Orbus e os robôs que desempenham tarefas funcionais, desde limpeza de casa, até emissão de multas de trânsito. No entanto é a criação do que na obra chamam de robô sapiens, ou seja, um robô que apresenta corpo muito próximo ao corpo humano e que diferentemente dos outros robôs consegue se comunicar efetivamente, além de ser belo e inteligente. Os habitantes de Orbus, por sua vez, são extremamente belos e realizaram a adaptação genética, de modo que não envelhecem mais, são fortes, magros e possuem uma aparência saudável.

(...) a aparência física tornou-se cada vez mais central para a definição da identidade pessoal, como evidenciado pela proliferação de características em jornais, revistas e televisão preocupados com a saúde, forma e moda do corpo e pelo advento de uma infinidade de produtos e tecnologias para modificar o corpo, como pílulas dietéticas, programas de exercícios e cirurgia plástica. (NEGRIN, 2008, p. 09 – minha tradução)²

Essa mesma aparência é o que permite a beleza dos robôs sapiens, que além de apresentar traços de similaridades com os humanos e serem

¹ Do original: *True, no method recommended by science – or by magic, affirmation, or prayer, for that matter – has managed so far to extend human life beyond the naturally evolved limit of about 120 years. But what has changed lately is that geneticists have extended the lifespan of at least some living creatures, such as nematode worms, allowing them to live as much as seven times longer than their unmodified kin. This is not yet the abolition of death – but it looks very much like the first step toward that goal.*

² Do original: *In postmodern society, physical appearance has become increasingly central to defining personal identity, as evidenced by the proliferation of features in newspapers, magazines, and television concerned with the health, shape, and fashioning of the body, and by the advent of a plethora of products and technologies for modifying the body, such as diet pills, exercise programs, and cosmetic surgery.*

programados para evolução. Os robôs sapiens possuem domínio pelos seus corpos e, possivelmente, mais autonomia que os habitantes de Orbus, que passam por um constante processo de adaptação dos corpos para uma aceitação social. No entanto, tal adaptação ainda possui falhas, em uma fala a robô diz: “Gerações sucessivas de humanos que estão perdendo suas habilidades mostram que vocês não são mais capazes de sobreviver por si próprios como faziam antigamente. Vocês dependem de técnicos e de robôs.” (WINTERSON, 2012, p. 96).

Logo os humanos jogam com o tempo, boicotam a ação dele, mas ainda não estão perto de atingirem o ideal pós-humano: a imortalidade. A narrativa não apresenta recursos de impossibilitem os processos de falhas no corpo, apenas de retardamento do envelhecimento, logo o que temos é um jogo de aparência e tempo, que se mascara em um ideal de qualidade de vida e bem-estar falho. Em contrapartida, os robôs sapiens, por poderem evoluir, acabam emancipando-se da ideia de tempo.

Ao pensar na pós-humanidade, devemos observar que “[o] direito à liberdade e à vida implica um direito ao corpo. Se nós temos o direito de viver e ser livre, mas nossos corpos não são livres, então os outros direitos tornam-se irrelevantes.” (SANDBERG, 2013, p. 57 – minha tradução)³ De modo que, há uma busca constante para a liberdade do corpos que não se resume a apenas fazer o que se quer, mas permanecer existindo o quando se deseja, o que coloca os robôs sapiens frente aos humanos, pois:

Se existe, entretanto, uma criatura tecno-humana que simula o humano, que em tudo parece humana, que age como um humano, que se comporta como um humano, mas cujas ações e comportamentos não podem ser retroagidos a nenhuma interioridade, a nenhuma racionalidade, a nenhuma essencialidade, em suma, a nenhuma das qualidades que utilizamos para caracterizar o humano, porque feita de fluxos e circuitos, de fios e de silício, e não do macio e fofo tecido de que somos ainda feitos, então é a própria singularidade e exclusividade do humano que se dissolve. (TADEU, 2009, p. 13)

Desse modo, parece que essa derivação humana desaparece, no entanto, permanece a importância da essencialidade humana, presente ainda que através de uma programação. O que nos leva a pensar que em Deuses de Pedra (2012) os robôs sapiens são o presente-futuro da humanidade, pois dominam as adversidades do tempo e do corpo. Desse modo, observamos que a ideia de tempo finito que padroniza a humanidade é descartada, pois os robôs sapiens teriam a consciência/memória do passado, viveriam o presente já sabendo de todas perspectivas de vida no futuro, ou seja, teriam o domínio dos seus corpos-máquina.

4. CONCLUSÕES

Em suma, o corpo parece ser não somente o elemento mais palpável para os avanços transumanos e pós-humanos, como também fundamentais para a concretização dessas ideias, seja nas representações através das máquinas, ou ainda pelo viés do corpo-máquina-humano. Os avanços tecnológicos presentes na narrativa e as modificações dos humanos já são aspectos relevantes que os

³ Do original: *The right to freedom and life imply a right to one's body. If we have a right to live and be free, but our bodies are not free, then the other rights become irrelevant.*

caracterizam como transumanos, no entanto, ainda limitam-se na incapacidade de manter esses corpos por tempo indeterminado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRODERICK, D. Trans and Post. In: MORE, M; VITA-MORE, N. **The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future.** United Kingdom: Wiley-Blackwell, 1º edição, 2013, Cap. 39, p. 430 – 437.

NEGRIM, L. Appearance and Identity. In. NEGRIM, L. **Appearance and Identity: Fashioning the Body in Postmodernity.** United States: Palgrave Macmillan, 2008, Cap. 1, p. 75 – 96.

SANDBERG, A. Morphological Freedom – Why We Not Just Want It, but Need It. In: In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha. **The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future.** United Kingdom: Wiley-Blackwell, 1º edição, 2013, Cap. 5, p. 56 – 64.

TADEU, T. Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, D; KUNZRU. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano/organização e tradução** Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, Cap. 1, p. 7 - 16.

WINTERSON, Jeanette. **Deuses de Pedra.** Editora Record, 2012, 288 p.